

GOVERNO OBTEVE SUPERÁVIT PRIMÁRIO DE R\$ 4,04 BI EM MARÇO • PÁGINA 26

O GLOBO

Fundador: IRINEU MARINHO

RIO DE JANEIRO, QUINTA-FEIRA, 27 DE ABRIL DE 2000 • ANO LXXV • Nº 24.347 • O GLOBO ON: www.oglobo.com.br

Presidente: **ROBERTO MARINHO**

Domingos Peixoto



Perdão e protesto na missa dos 500

Índio pataxó faz
duro discurso
contra a violência

● Com uma faixa preta de luto e um duro discurso contra a violência e o preconceito, índios pataxós participaram ontem da Missa do Descobrimento, em Coroa Vermelha (BA). Antes do protesto, a Igreja pediu perdão a índios e negros pelos erros cometidos nos últimos 500 anos. **Página 8**

Página 8

OS ÍNDIOS REUNIDOS no altar montado em Coroa Vermelha, Santa Cruz Cabrália (BA): discurso e faixa preta de protesto

Fonte	Documental	Documentação
Data	27/4/2005	Pg 1
Class.	2742	

500 anos

Igreja pede perdão e índios protestam em missa

Na presença de representantes da CNBB e do Papa, pataxó denuncia cinco séculos de sofrimentos e exclusão

Leticia Lins e Paula Autran

Enviadas especiais

• SANTA CRUZ CABRÁLIA. O contundente discurso de um índio pataxó marcou a Missa do Descobrimento, em ação de graças pelos 500 anos de evangelização do Brasil, realizada ontem de manhã em Coroa Vermelha, Sul da Bahia. Jerry dos Santos Jesus aproveitou que estava no altar, ao lado de outros índios, para participar do ato penitencial e foi ao microfone falar sobre "os sofrimentos de um povo que foi reduzido de seis milhões de pessoas a 300 mil", em cinco séculos de colonização.

O índio, que com outros pataxós subiu ao altar carregando uma imensa faixa preta para simbolizar luto, chegou a causar mal-estar ao perguntar aos presentes se eles não se envergonhavam do tratamento dado aos índios, mas foi muito aplaudido.

— São mais de 40 mil anos, em que germinaram mais de 900 povos, com culturas diferentes. Mais, depois, mais de seis milhões de índios foram exterminados, e hoje somos 350 mil. São 500 anos de sofrimento e de massacre, de exclusão e preconceito, de exploração, de extermínio de nossos parentes, de estupro de nossas mulheres, devastação de nossas matas, que nos foram retiradas com as invasões.

O discurso foi feito pouco depois de o presidente da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), dom Jayme Chemello, e do legado pontifício, cardeal Angelo Sodano, pedirem perdão aos índios e negros pelos erros cometidos pelos cristãos ao longo dos últimos 500 anos.

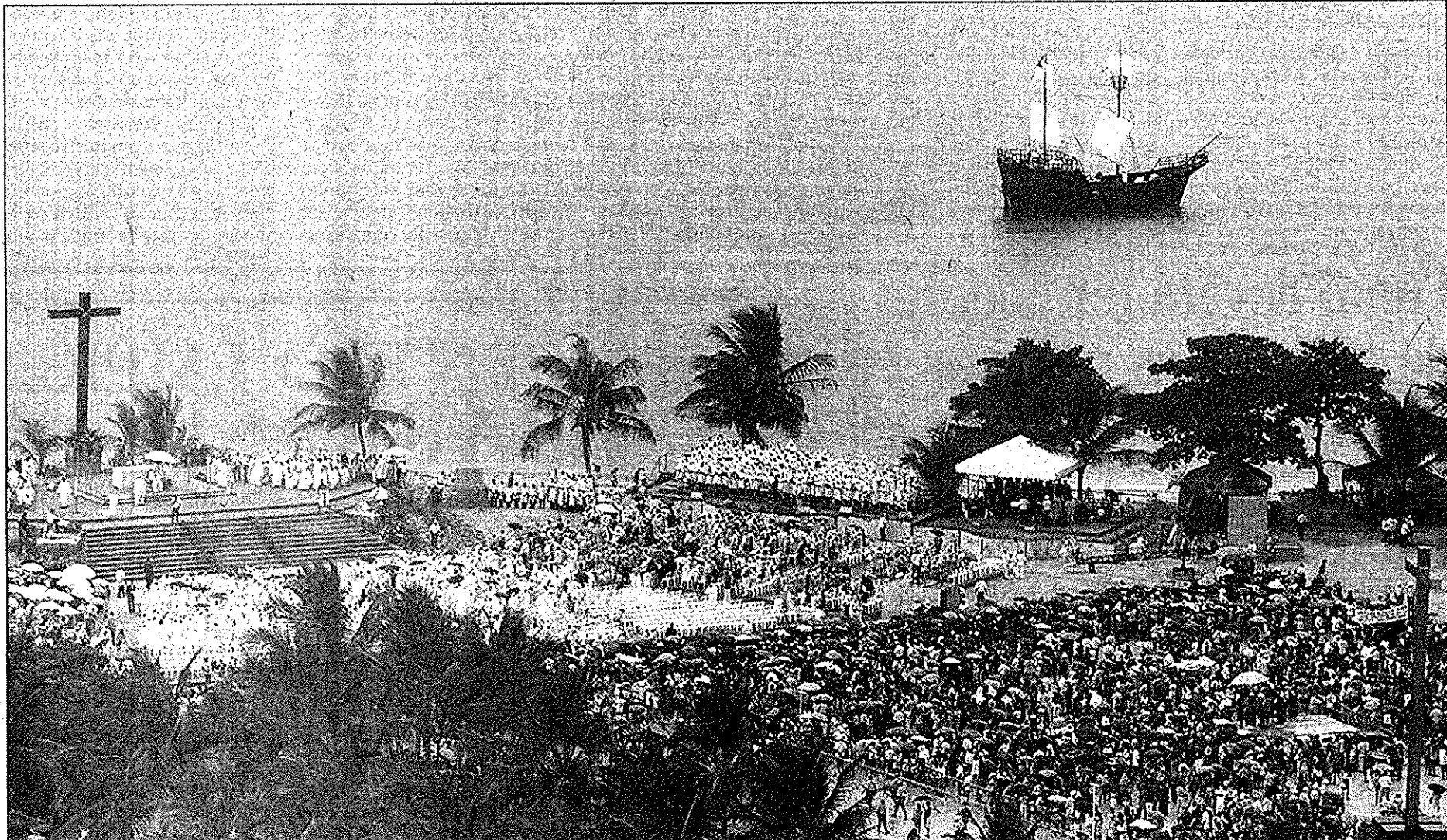
Chuva e violência afastaram fiéis

• A missa celebrada para comemorar os 500 anos da Primeira Missa rezada no Brasil começou às 9h debaixo de um temporal. A forte chuva e os recentes conflitos envolvendo índios e a polícia em Coroa Vermelha fizeram com que muitos fiéis desistissem de participar. A PM calculou os presentes em 20 mil. A assessoria do evento, em oito mil, quando esperava cem mil.

Os fiéis começaram a chegar cedo, de várias partes do país, principalmente de pequenas cidades do Sul da Bahia. Do altar de 750 metros quadrados, construído em frente à Baía de Cabralia, o cardeal Sodano rezou a missa de duas horas de duração, ao lado de cerca de 400 concelebrantes. Estavam presentes o vice-presidente Marco Maciel e o ministro de Esporte e Turismo, Rafael Greca. Todos tiveram que recorrer a capas e guarda-chuvas.

O governador da Bahia, César Borges, e o presidente do Senado, Antônio Carlos Magalhães, não apareceram.

Segundo o coordenador regional do Secretariado dos 500 anos de Evangelização do Brasil, padre Joelson Dias da Silva, o único imprevisto foi a chegada dos índios com a faixa preta ao altar no momento do ato penitencial. Segundo ele, o discurso de Jerry estava programado para o fim da celebração, mas foi antecipado. Assim como o grupo de índios, um casal de negros também foi chamado ao altar para o pedido de perdão. Na hora do ofertório, foi a vez de seis famílias (uma negra, uma índia, uma alemã, uma italiana, uma cigana e uma japonesa) levarem toalha, pão, vinho e artesanato para o altar. A missa contou ainda com a participação da Camerata de Curitiba e do Coral da Catedral de Anápolis, além de um grupo de dança afro. No fim, a cantora Daniela Mercury cantou "Ave Maria no morro", de Herivelton Martins. ■



COROA VERMELHA, no litoral da Bahia, foi palco da missa em comemoração aos 500 anos de evangelização do Brasil. Apesar da chuva, milhares de pessoas estiveram presentes



RELIGIOSOS SE PROTEGEM da forte chuva que caiu durante a missa em Coroa Vermelha com capas de plástico



GRUPO AFRO dança durante a missa dos 500 anos

'Aqui onde vocês estão pisando é nossa terra'

Pataxó rouba a cena com discurso na missa que comemora os 500 anos de evangelização



MATALAUÊ: "ONDE vocês estão pisando, isso aqui é nossa terra"

• SANTA CRUZ DE CABRÁLIA. Jovem, mas um dos líderes mais respeitadas entre os pataxós da Praia de Coroa Vermelha, Jerry dos Santos Jesus, o Matalauê, não poupou críticas ao tratamento que o Governo dispensa aos índios, denunciou "a farsa do Descobrimento" e disse aos brancos presentes à liturgia que eles, ao frequentarem terras indígenas, tinham antes que "pedir licença".

— Onde vocês estão pisando, isso aqui é nossa terra. Quando vocês chegaram aqui, essa terra já era nossa. E o que vocês fizeram com a gente? Nossos povos têm muitas histórias para contar. Nossos povos, donos dessas terras, que vivem em harmonia com a natureza, como os xavantes, tapuias, pataxós e os outros. Séculos depois, estudos comprovam a teoria contada pelos anciãos, as verdades sábias de que não souberam nos respeitar — disse Matalauê, em discurso na missa de ontem.

Ele protestou também contra a destruição do monumento que os índios pretendiam erguer em Coroa Vermelha, como símbolo da resistência.

— Hoje, quero afirmar a mentira do Descobrimento,

cravando em nossa terra uma cruz de metal, onde seria nosso monumento, símbolo do nosso povo, e impedindo a nossa marcha com tiros, com pelotão de choque, com bombas de gás. Com o nosso sangue, comemoraram mais uma vez a festa do Descobrimento.

'Vocês não vão impedir nossa resistência'

E prosseguiu:

— Vocês não vão conseguir impedir nossa resistência. Hoje somos mais de seis mil organizações e o resultado foi a Conferência de Povos e Organizações Indígenas em Coroa Vermelha na semana passada.

Apesar de convidados pela CNBB para participar da liturgia, a comissão de 30 pataxós quase não teve acesso ao altar onde estavam os cerca de 600 concelebrantes. A segurança do evento, feita por funcionários do Governo da Bahia, tentou impedir que eles subissem com a faixa preta que simboliza o luto contra o que chamaram de 500 anos de massacre dos índios e contra as cenas de violência de sábado, quando 30 índios foram feridos pela PM, em Santa Cruz Cabralia.

— Minha fala estava prevista

para o fim da missa, mas tivemos que antecipar porque o clima estava ficando muito tenso. Os seguranças do Governo não queriam nos deixar passar com a faixa preta, e os parentes já estavam começando a chorar. A gente não precisava sofrer essa humilhação dentro de casa. Eles disseram que a gente tinha que ter credencial para entrar. Eu perguntei: se a gente precisa de credencial dentro da aldeia, não vai poder ir mais a lugar nenhum.

O índio se revoltou quando disseram que o Governo teria chamado os índios de fascistas: — Não somos fascistas, mas o Governo é ditador, porque impediu que fizéssemos uma manifestação democrática.

Matalauê passou a noite anterior na aldeia Jaqueira. Participou de danças e rituais para "fortalecer o espírito" de 18h às 6h da manhã. Contou que foi aí que resolveu escrever a carta que leu. E ficou irritado, com as suposições de que o texto teria sido preparado por gente do Conselho Missionário Indigenista (Cimi).

— A gente quer apoio do Cimi, da CNBB, de todos que lutem pelos direitos dos índios. Mas o discurso fui eu quem fiz. ■